



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

GSUM 10 ANOS

novos horizontes em
Estudos de Paz
e Conflito

GSUM 10 ANOS

novos horizontes em
**Estudos de Paz
e Conflito**

Autores

Christian Leonardo Souza Cantuária,
Maíra Siman e Victória Santos

Revisão

Marta Fernandez

Design e Diagramação

Miguel Herman

Equipe BPC:

Diretora do Instituto de Relações Internacionais
Isabel Rocha de Siqueira

Diretora do BRICS Policy Center
Marta Fernández

Diretora Adjunta do BRICS Policy Center
Maria Elena Rodriguez

Coordenadora Administrativa
Lia Frota e Lopes

Gerente de Projetos
Clara Costa

Assistente de Projetos
Luana Freitas

Comunicação
Isabelle Bernardes

Ficha Catalográfica

BPC Papers V.12. N. 07

Maio/2025.

Rio de Janeiro. PUC. BRICS Policy Center

ISSN: 2357-7681

21p ; 29,7 cm

1. Estudos de Paz e Conflito
2. Metodologias
3. Sul Global

Sobre o BRICS Policy Center:

O BRICS Policy Center / Centro de Estudos e Pesquisas BRICS (BPC), think thank vinculado ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI/PUC-Rio), é um centro de reflexão independente, não partidário e sem fins lucrativos na cidade do Rio de Janeiro.

O BPC tem como missão contribuir para o avanço de uma agenda de desenvolvimento, ampliação de direitos e promoção da igualdade nos países do sul global, por meio da produção de conhecimento crítico e relevante para o debate público acerca das transformações em curso no sistema internacional e seus desdobramentos nos planos local, nacional e regional.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)(s) autor (a) (es) (as), não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

BRICS Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas BRICS

Casas Casadas, 3º andar, Rua das Laranjeiras 307, Laranjeiras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 22240-004

e-mail: bpc@bricspolicycenter.org

bricspolicycenter.org



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS



SUMÁRIO

GSUM 10 anos	5
Novos horizontes para os Estudos de Paz e Conflito	8
Creating safer space	8
Cosmopraxis: métodos relacionales para una RI pluriversal	10
Producing (Counter-) Knowledges of Conflict and Violence	11
Oficina Des-tejiendo miradas/Un-Stichting gazes	12
Spatiality, cartographies and color-coding in international practice	14
Studies in Intervention and Peacebuilding: publication strategies in IR	15
Ciclo de diálogos	16
Knowing war and peace in the Global South	16
Masculinidades, Empatia e Não-Violência: Debates Conceituais e Políticos a Partir das Teorias Feministas	17
Hierarquias pós-coloniais nos estudos de conflito e violência: um olhar a partir de “sistemas de conflitividade”	18
Circulação e Controle de Armas na América Latina	19

internacional

Confílito político universidade violência projeto estudo Oficina masculinidade interessar construir transformação antioquia gsun
partir epistemológico proteção conviver 10
america gênero peace combinar
janeiro público mediação latino organizar
destacar alternativo contexto sistema
desafio global
empatia estudar ciclo desafiar 2024
aula apresentar estudante
safer conhecimento comunidade paz
aluno aberto pensamento puc-rio
contar parceria sobretudo minicurso
debater tejiendo conflitividade creating
pesquisador pesquisar intervenção

GSUM 10 anos:

Criada em 2013, a Unidade do Sul Global para Mediação (*Global South Unit for Mediation* - GSUM) é uma iniciativa do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), por meio do BRICS Policy Center (BPC). Voltada para o desenvolvimento de uma participação ativa de atores do Sul Global nos processos de resolução de conflitos e mediação internacional, o Unidade se constituiu como um espaço institucional para a promoção da interação entre acadêmicos, diplomatas, oficiais governamentais e atores não-governamentais interessados em processos de promoção, manutenção e consolidação da paz, com destaque para a América Latina. Em termos acadêmicos, o GSUM visa a produção e difusão de conhecimento crítico no campo dos Estudos de Paz e Conflito¹.

Para celebrar seus 10 anos, o GSUM organizou um conjunto de atividades² de ensino, pesquisa e extensão, incluindo uma exposição, aulas abertas, cursos, oficinas e um Ciclo de Diálogo com quatro encontros.³ Essas atividades reuniram pesquisadores nacionais e internacionais e estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes universidades⁴.

De modo geral, as atividades dos 10 anos do GSUM, a serem apresentadas na sequência, refletem novos debates e práticas no campo da resolução e transformação de conflitos. Elas estão imersas em iniciativas de contestação da

imaginação política hegemônica e de fomento de alternativas, como a exposição *Creating safer space*, os projetos *(Des)tejiendo miradas* e *X-men* e a enciclopédia virtual *Rewriting Peace and Conflict*. Tais iniciativas apontam o papel transformador das teorias críticas, como os pensamentos pós-coloniais, decoloniais e feministas para os Estudos de Paz e Conflito.

A exposição *Creating safe space*, por exemplo, contou com a organização das professoras Berit Bliesemann de Guevara (Universidade de Aberystwyth), Christine Andrä (Universidade de Groningen) e Amaya Querejazu (Universidade de Antioquia) e Laura Jiménez (Universidade de Antioquia) e é parte de um projeto mais amplo que reúne diferentes universidades, centros de pesquisa e movimentos sociais ao redor do mundo. O projeto apresenta práticas de proteção de civis sem o uso da força, narradas por meio de linguagens artísticas.

A primeira aula aberta foi ofertada pela professora Amaya Querejazu e abordou o conceito de *cosmopráxis* e a necessidade de uma crítica ontológica à disciplina de RI. A segunda aula foi ministrada pela professora Christine Andrä e discutiu o pluralismo epistêmico na produção do conhecimento sobre conflitos armados e violência política.

A primeira oficina foi conduzida pelas professoras Berit Bliesemann de Guevara, Christine Andrä, Amaya Querejazu e Laura Jiménez e apresentou ao público uma breve experiência das práticas têxteis do projeto

1. As atividades e pesquisas do GSUM estão atualmente divididas em quatro áreas temáticas: (I) Resolução de conflitos e política externa; (II) Transformação de conflitos e humanitarismo; (III) Gênero, paz e segurança; e (IV) Juventude, paz e segurança.

2. Realizadas entre os meses de agosto e outubro de 2024.

3. Parte das atividades do GSUM foi oferecida em conjunto com o Laboratório de Metodologia do IRI, em vista das contribuições metodológicas dos pesquisadores convidados.

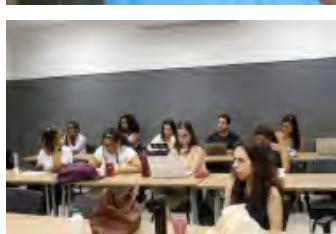
4. A realização de tais atividades foi possível graças a um projeto financiado pelo Edital FAPERJ n.º 14/2019 (E-26/010.002177/2019) – Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro. O projeto envolve uma parceria interinstitucional entre a PUC-Rio, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Escola Superior de Guerra (ESG), tendo por centro organizativo o GSUM. Além disso, a Unidade participou do Programa Institucional de Internacionalização (CAPES Print), na PUC-Rio, no âmbito do projeto Transformação de Conflito e Mediação Internacional, vinculado ao tema Governança e Políticas Públicas.

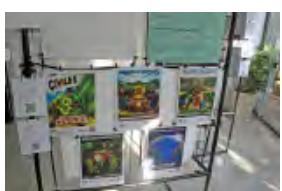
(Des)tejiendo miradas. A segunda foi dada pelo professor Nicolas Lemay-Hébert (Universidade Nacional Australiana), especialista em debates sobre práticas de intervenção, reconstrução de estados e humanitarismo. Para além de discutir estratégias de publicação em revistas e editoras acadêmicas da área, o professor também ofertou um minicurso sobre espacialidade, cartografias e intervenções humanitárias.

Já o Ciclo de Diálogos, composto de quatro encontros organizados pelo GSUM ao longo do segundo semestre de 2024, reuniu professores e estudantes que compartilharam suas experiências de pesquisa sobre dinâmicas de conflito, violência política e práticas de intervenção pela paz. O primeiro encontro, liderado pelas professoras Amaya Querejazu, Berit Bliesemann de Guevara e Christine Andrä, tratou das potencialidades do Sul Global para os Estudos de Paz e Conflito e dos desafios epistemológicos e ontológicos que devem ser postos à disciplina de Relações Internacionais (RI). O segundo, conduzido pelas professoras Tatiana Moura (Observatório Masculinidades.pt) e Universidade de Coimbra) e Haydée Caruso (Universidade de Brasília), voltou-se para a empatia como elemento transformador de

masculinidades violentas e de políticas públicas para a igualdade de gênero. O terceiro, guiado pelas professoras Andréa Gill (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Viviana García-Pinzón (Arnold Bergstraesser Institut), apresentou o conceito de sistemas de *conflitividade* e as contribuições dos pensamentos pós-coloniais e decoloniais para os estudos sobre conflito e paz. Finalmente, o quarto e último diálogo, com a participação das professoras Mônica Herz, Luísa Lobato e Victoria Santos (PUC-Rio), apresentou um projeto internacional de circulação de armas, com foco na América Latina, e como os fuzis desafiam conceitos de soberania e cidadania.

A participação de estudantes de graduação e pós-graduação nas atividades celebrativas dos 10 anos do GSUM reflete a possibilidade e importância de fomentar novas pesquisas interdisciplinares nos Estudos de Paz e Conflito, reconsiderando conceitos e teorias já bem estabelecidas no campo a partir das experiências e visões do Sul Global. É nessa perspectiva que o GSUM reforça seu papel fundamental como espaço de pensamento crítico sobre violência, conflitos e paz no cenário brasileiro e latino-americano.





Novos horizontes para os Estudos de Paz e Conflito

Creating safer space

A exposição *Creating safer space* apresentou ao público diversas práticas de proteção de civis em conflitos armados sem o uso da força⁵. Tradicionalmente, o imaginário popular da proteção de civis em conflitos armados continua enraizado em práticas intervencionistas de atores internacionais que, no limite, se valem da violência ou da ameaça para cumprir seus mandatos. O que é possível, então, quando a proteção de civis se desvia desta espiral de violência e volta-se para práticas cotidianas, locais e desarmadas? A exposição permitiu aos estudantes e demais visitantes contemplarem alguns dos desdobramentos e possíveis respostas à pergunta acima.

O projeto *Creating safer space*⁶ objetiva o fortalecimento das capacidades dos civis de se protegerem e às suas comunidades em situações de extrema violência e deslocamento. No longo prazo, tais capacidades são essenciais para a construção de infraestruturas sociopolíticas sustentáveis e para a paz. Com o projeto, vulnerabilidades se entrelaçam com os esforços de proteção de civis desarmados e por meio da não-violência.

Foram expostos vídeos, fotos, desenhos, costuras, mapas, e outros artefatos feitos por



civis em distintas localidades como Colômbia, Nigéria, Sudão do Sul, Palestina, Filipinas, Myanmar, Camarões, Quênia, Tailândia e Indonésia. Por meio desses objetos, histórias de resistências não-violentas foram contadas e sentimentos foram compartilhados com o público.

Foi possível caminhar entre os stands de maneira autônoma, sem um percurso definido previamente. Foi inevitável construir paralelos entre as situações expostas e circunstâncias locais, sobretudo do Rio de Janeiro. Uma dessas comparações, levantada pela professora Maíra Siman, indagou sobre as meninas na África

5. A exposição, que já visitou diversas localidades ao redor do mundo, é parte de um projeto financiado pelo Arts and Humanities Research Council, do UK Research and Innovation (UKRI), por meio do Global Challenges Research Fund (GCRF). A exposição foi trazida ao Rio de Janeiro (12-23 agosto, 2024) pelas professoras Berit Bliesemann de Guevara, Christine Andrã, Amaya Querejazu e Laura Jiménez.

6. A iniciativa reúne, no campo acadêmico, pesquisadores da Colômbia, Estados Unidos, Quênia, Reino Unido e Tailândia, especializados nos Estudos de Paz e Conflito e interessados em metodologias criativas e participativas.



Ocidental que evitam vestir seus uniformes escolares enquanto circulam em suas comunidades. A professora Berit destacou que isso é uma forma de se esquivar de rastreadores e sequestradores, que poderiam prever as rotas utilizadas por esses estudantes a partir de seus uniformes escolares. Isto difere do contexto da violência policial na cidade do Rio de Janeiro, onde o uso do uniforme escolar por jovens nas periferias e a subsequente identificação como estudante podem significar a diferença entre a vida e a morte em uma operação.

Em um cartão comemorativo, uma ilustração de um agente uniformizado em azul chamou a atenção para possíveis relações entre os civis e os *capacetes azuis*, como são popularmente conhecidas as tropas da ONU e que operam sob uma lógica distinta daquela apresentada na exposição. A Profa. Amaya explicou que, para a coloração dos cartões, foram selecionadas cores neutras em cada localidade, com destaque para o amarelo. Entretanto, na Tailândia, o amarelo é a cor do Rei e, logo, não possui neutralidade política naquele contexto, com o azul selecionado como alternativa.

Em suma, *Creating safer space* foi uma oportunidade única para estudantes, docentes, pesquisadores e demais interessados nas práticas de construção da paz e proteção de civis refletirem sobre a imaginação política cristalizada pelas intervenções humanitárias de agentes externos. Em circunstâncias de extrema violência e privação de qualidade de vida, práticas locais de resistência que

(re)negociam papéis de gênero, evocam significados religiosos tradicionais, articulam a cura de traumas pelo artesanato e levantam a bandeira da não-violência indicam que outros caminhos são possíveis para a interrupção do ciclo da violência armada.

A exposição também evidenciou como as iniciativas pela paz a partir de atores locais escapam aos enquadramentos conceituais disciplinares e produzem novas formas de comunidade política e de resistência – por dentro e além do aparato estatal. Ela convida todos a vislumbrar outros mundos possíveis além do Estado e dos mecanismos de gestão da violência consolidados no sistema internacional.

O “modelo Creating Safer Space”

A partir da experiência dos projetos apoiados pela rede ao redor do mundo, foi formulado um modelo com quatro componentes que devem, para o grupo, informar quaisquer estudos, engajamentos ou avaliações de proteção de civis sem o uso da força (*Creating Safer Space*, 2025, p. 12):

1. **Equipes internas ou equitativas:** Aqueles que conduzem a atividade devem ser, ou trabalhar em estreita colaboração e parceria equitativa com pessoas internas à comunidade, região ou país cujos esforços de proteção estão sendo abordados.
2. **Participação:** Um princípio fundamental é que a atividade seja conduzida com e para (não sobre ou sem) comunidades. Isso significa que as atividades devem ter contribuições significativas de comunidades, parceiros ou partes interessadas para refletir a diversidade de vozes, o contexto específico e as experiências interseccionais da proteção de civis desarmada em nível comunitário.
3. **Criatividade e abertura:** Devem ser empregados métodos que amplifiquem diferentes vozes e permitam que significados específicos de conceitos centrais como “proteção”, “paz” ou “terra” surjam. Métodos participativos e criativos ou baseados em artes, usados em adição a métodos científicos sociais mais tradicionais, se mostraram particularmente úteis.
4. **Reflexividade:** Para garantir que os princípios acima sejam respeitados ao longo de um projeto, é uma boa prática se envolver em revisões regulares do desenho e implementação da atividade, com base no feedback dos membros da equipe e participantes. Isso inclui trabalhar com comunidades para explorar as formas mais adequadas de interação e comunicação.

Creating Safer Space. Insights into civilian capacities for nonviolent (self-) protection in conflict-affected areas. Março de 2025. Disponível em: <<https://creating-safer-space.com/wp-content/uploads/2025/03/Brochure-EN-Digital.pdf>>.

Cosmopraxis: métodos relacionales para una RI pluriversal

16 de agosto, auditório do Instituto de Relações Internacionais, PUC-Rio



A aula aberta *Cosmopraxis: métodos relacionales para una RI pluriversal* foi ministrada pela professora Amaya Querejazu com mediação da Profa. Marta Fernández. Ela deu continuidade às discussões levantadas pela exposição *Creating safer space*, iluminando outros pressupostos ontológicos e epistemológicos para a disciplina de Relações Internacionais além do imaginário moderno e eurocêntrico.

A discussão tratou do tema da *diferença*, central não apenas para a disciplina em sua totalidade, mas, principalmente, para as práticas de mediação de conflito e de construção da paz que ocupam o GSUM. Nesse sentido, a professora Amaya discutiu a reapreciação de questões ontológicas em RI e a dificuldade de oferecer alternativas às concepções atomísticas do pensamento Ocidental/moderno sem fixar significados e reificar a pluriversalidade e a relationalidade.

Destaca-se o conceito de *cosmopráxis*, entendido como um conjunto de experiências e práticas multidimensionais e pluriversais que enfatiza, sobretudo, o que é *ser relacional*, o que significa

A cosmopraxis como abordagem relacional

O conceito de Cosmopraxis visa romper com as ontologias atomísticas que assumem identidades essencializadas e não-relacionais. Ao pensar a realidade e as entidades a partir de uma perspectiva relacional, o foco recai sobre as interconexões e sobre os múltiplos mundos constituídos por práticas e saberes cotidianos.

Os estudos da professora Amaya integram a chamada Virada Relacional em RI e propõem, ainda, analisar a maneira como as relações são estabelecidas e não o que elas são. O “como” desse estudo, enquanto ponto de partida analítico, permite vislumbrar o papel criador de realidades que emergem a partir das relações entre entidades que, ainda, se constituem relationalmente.

Do ponto de vista teórico, o conceito de Cosmopraxis articula contribuições dos estudos pós-coloniais e decoloniais e das abordagens pós-humanas, com destaque para os escritos de Robbie Shilliam, L. H. M. Ling, Bruno Latour e Donna Haraway, dentre outros.

Ling, L. H. M. *Imagining World Politics: Sihar & Shenya, A Fable for Our Times*. Nova York: Routledge, 2014.

Querejazu, Amaya. *Cosmopraxis: Relational methods for a pluriversal IR*. Review of International Studies, v. 48, n. 5, pp. 875-890, 2022.

estar em relações – com o mundo, com a comunidade, consigo mesmo. Cosmopráxis, assim, é uma forma de relationalidade sem fixação de significados, onde o mundo que nos cerca é construído e reconstruído constantemente a partir de práticas cotidianas, conexões estabelecidas, considerações cosmológicas e sensibilidade à diferença constitutiva da realidade.



A discussão é particularmente frutífera para aqueles interessados nas potencialidades dos pensamentos pós-coloniais e decoloniais. Esses têm ganhado crescente espaço em virtude do questionamento de conceitos e teorias

dominantes em RI que, apesar de se apresentarem como universais, foram formulados no contexto específico da Europa e, dessa forma, são insuficientes para a apreciação da diferença e das dinâmicas do mundo pós-colonial.

Producing (Counter-) Knowledges of Conflict and Violence

21 de agosto, auditório do Instituto de Relações Internacionais, PUC-Rio



A segunda aula aberta promovida pelo GSUM foi ministrada pela professora Christine Andrä com mediação da professora Victoria Santos. Ao longo da passagem da Profa. Christine pelo Instituto, foi enfatizada a importância do pluralismo epistemológico em RI. Nesse sentido, a aula aberta apresentou outras formas de construir o conhecimento no campo dos Estudos de Paz e Conflito e de conectar os dados empíricos com o pensamento crítico.

A discussão se iniciou com o questionamento dos modos tradicionais de produção do conhecimento sobre formas de violências. Como visto na exposição *Creating safer space* e na oficina *Des-tejiendo miradas*, a professora Christine está diretamente envolvida em projetos de pesquisa e iniciativas locais de *peacebuilding* que desafiam a importação

acrítica de conceitos e teorias formulados no Norte Global. As discussões apontaram ferramentas conceituais e linhagens teóricas que (re)negociam os termos da produção de conhecimento e da política no nível local e global.



A professora Christine debateu o conceito de *contra-conhecimento*, uma forma de resistência epistemológica originada nos movimentos sociais do século XX e que desafia as ortodoxias disciplinares. Nos Estudos de Paz e Conflito, as potencialidades oferecidas pelas artes, pelo artesanato e outras práticas transformadoras foram exploradas pela docente com o objetivo de desafiar a imaginação política da audiência e estimular suas pesquisas.

Práticas e discursos na produção de conhecimento sobre conflitos

O conhecimento pode ser operacionalizado por meio de discursos e práticas. Discursos são sistemas de produção de significados que permitem aos agentes dar sentido ao mundo e às suas ações nele. Em uma perspectiva pós-estruturalista, o discurso é tomado como instável e é continuamente reproduzido. Qualquer tentativa de fixar um sentido é apenas momentânea, pois os discursos estão sempre se transformando. Podemos nos perguntar, então, como os discursos são temporariamente fixados ou modificados.

Severine Autesserre, por exemplo, tem trabalhado com narrativas na República Democrática do Congo. Os trabalhos da autora mostram como o conhecimento sobre a violência na RD Congo é produzido por meio de narrativas particulares que discursivamente enquadram o problema da violência em uma forma específica e convida uma solução específica.

Por outro lado, a professora Christine tem como foco as práticas de conhecimento, o que as pessoas "fazem" para produzir saberes sobre conflito, violência e guerra. Práticas são movimentos corporais e atividades mentais que dependem de sentidos e conhecimentos e, ao mesmo tempo, os (re)produzem. Em RI, existem várias abordagens para o estudo da prática como aquelas inspiradas em Pierre Bourdieu. A Profa. Christine, no entanto, se inspira nas contribuições de Michel Foucault e no entrelaçamento do nexo saber-poder.

Oficina Des-tejiendo miradas/ Un-Stichting gazes⁷

19 e 20 de agosto, Solar Grandjean de Montigny,
PUC-Rio



A oficina *Des-tejiendo miradas/Un-Stichting gazes*⁸ foi realizada com a presença das professoras Berit Bliesemann de Guevara, Christine Andrä, Amaya Querejazu e Laura Jiménez. Discentes e docentes da pós-graduação, bem como membros da comunidade externa à PUC-Rio, se reuniram para experienciar o potencial das práticas têxteis na cura do trauma e na transformação de conflitos.

A abordagem formulada combina entrevistas com práticas têxteis, engajando ex-combatentes e membros da comunidade civil a compartilharem memórias, traumas, motivações e esperanças por meio da confecção de bordados. A ênfase no trabalho em equipe e na interação possibilita diálogos entre distintos grupos sociais e exercícios de empatia e sensibilização que visam desmistificar narrativas convencionais dos lados em um conflito – com foco na experiência colombiana.

Práticas do conhecimento são políticas na medida em que resultam de relações de poder entre atores, de conflitos e contestações constantes. Além disso, são políticas pois produzem ou reproduzem objetos e sujeitos políticos. Na pesquisa que está desenvolvendo atualmente, a Profa. Christine analisa as práticas de uma comissão internacional financiada pelo Fundo Carnegie que estudou as Guerras dos Balcãs (1912-1913) e que divergiu sobre os procedimentos metodológicos e atribuiu determinadas subjetividades para os pesquisadores e para seus interlocutores.

Ling, L. H. M. *Imagining World Politics: Sihar & Shanya, A Fable for Our Times*. Nova York: Routledge, 2014.

Querejazu, Amaya. *Cosmopraxis: Relational methods for a pluriversal IR*. Review of International Studies, v. 48, n. 5, pp. 875-890, 2022.

Ao longo da oficina, as professoras, além de guiar os participantes nas técnicas do bordado, refletiram sobre o papel ativo do pesquisador nos processos de reconciliação e integração social e não apenas como um “coletor” de experiências. No segundo dia de oficina, os participantes foram convidados a apresentar e explicar seus bordados em roda. A experiência levantou debates sobre o agir do tempo, as fases do luto, o papel da religião no cotidiano, as violências de gênero e de raça, entre outras.



O espaço dialógico construído trouxe, para o campus da PUC-Rio, uma representação dos avanços do projeto *(Des)tejiendo miradas* na Colômbia e ressoou com os estudantes interessados em abordagens semelhantes no contexto local do Rio de Janeiro e que desejam se posicionar ativamente perante à comunidade.

7. Realizado em parceria com o Laboratório de Metodologia do IRI/PUC-Rio.

8. O projeto original, chamado *(Des)tejiendo miradas*, foi desenvolvido por pesquisadoras da Universidade de Aberystwyth e da Universidade de Antioquia e liderado pelas Profas. Berit Bliesemann de Guevara e Beatriz Arias, na Colômbia.



As oficinas têxteis do projeto *Des-tejiendo Miradas*

As oficinas têxteis são parte central da metodologia do projeto, e já foram realizadas em diversas partes do mundo. A partir de suas experiências, o grupo preparou um guia detalhando os passos para o planejamento e execução de oficinas centradas na produção de narrativas têxteis, através de técnicas como o bordado, o tricô, o crochê e a costura.

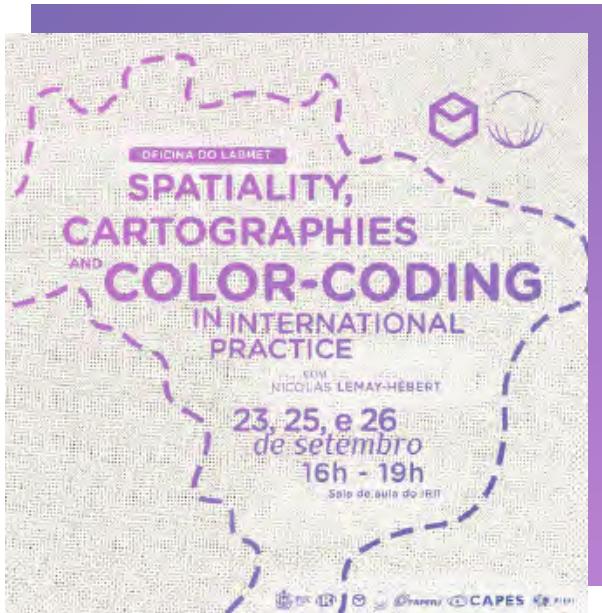
Em primeiro lugar, as pesquisadoras explicam a importância de contatar o grupo antecipadamente, conhecer suas necessidades e escolher um local adequado com os recursos necessários. Os materiais essenciais incluem agulhas, linhas de bordado, tesouras, enfiadores de agulha, tecidos, papel, lápis, canetas de bordado, borrachas e apontadores. Bastidores de bordado são opcionais. A adaptação da dinâmica do workshop às circunstâncias individuais e do local é fundamental.

O guia também traz recomendações sobre como promover a construção de confiança no início da oficina; introduzir temas para a reflexão coletiva; apresentar e ensinar pontos básicos de bordado ou outras técnicas; e promover conversas e diálogos sobre os aprendizados e ressonâncias da atividade.

Un-stitching gazes: resource guide to bring collectives and communities closer to textile storytelling. 2023. Disponível: <<https://destejandomiradas.com/en/spin/>>.

Spatiality, cartographies and color-coding in international practice⁹

23, 25 e 26 de setembro, Instituto de Relações Internacionais, PUC-Rio



O professor Nicolas Lemay-Hébert ofereceu um minicurso voltado para as contribuições metodológicas da *virada espacial* nos estudos de intervenções internacionais. O mini-curso abordou como as lógicas espaciais produzem linhas de diferença e heterogeneidade que não se manifestam claramente quando apenas aspectos temporais são considerados nos estudos de paz e conflito.

Práticas cartográficas, combinadas com uma codificação cartográfica com diferentes cores, evidenciam como mapas temáticos moldam o mundo e o intervencionismo. Como estudo de caso, o professor Nicolas abordou as intervenções no Haiti, Chipre, Iraque, Quênia e na Ucrânia.

Discutiu-se sobre a história da cartografia e a formação da estatística e como as novas tecnologias avançaram a política do zoneamento e do controle demográfico. E analisou-se os significados atribuídos às cores no contexto das intervenções no Iraque: vermelho – perigo; verde



- livre; amarelo - em transição; azul - paz;
- preto/branco - isolamento.

No terceiro dia do minicurso, a *virada tecnológica* nos estudos de paz e conflito foi trazida para a sala de aula. Avanços tecnológicos no campo da vigilância e da gestão de riscos de desastres abrem novos horizontes no campo do humanitarismo e do *peacebuilding*, onde a previsibilidade é o mais importante. O professor Nicolas, contudo, advertiu para a necessidade de combinar os estudos da virada tecnológica com abordagens etnográficas, ou seja, atentas à vida cotidiana, aos aspectos emocionais evocados pelo uso das cores na definição de zonas (in)seguras e às respostas da população local às tecnologias.



Como ocorreu nos eventos anteriores, os alunos levantaram questionamentos sobre a aplicação da virada tecnológica e da espacialidade no contexto do Rio de Janeiro. O professor Nicolas destacou como essas práticas cartográficas e o zoneamento já vêm sendo realizados por universidades e outras agências no mapeamento de favelas e de áreas controladas por milícias e organizações criminosas ligadas ao tráfico de drogas, por exemplo.

9. Realizado em parceria com o Laboratório de Metodologia do IRI/PUC-Rio.

Cores, arquivos e a experiência cotidiana da intervenção humanitária

Zonas de segurança são partes fundamentais das intervenções, elas moldam a vida cotidiana das populações locais e dos interventores internacionais. Muitas missões da ONU se valem da cartografia para definir quais áreas estão seguras e quais devem ser evitadas pelos profissionais da organização. São designadas cores específicas para essas zonas conforme suas particularidades.

A utilização de cores para avaliar os níveis de (in)segurança acrescenta uma específica dimensão emotiva à cartografia das intervenções e reflete simbolismos que são, então, impostos aos espaços urbanos.¹⁰ Os simbolismos se entrelaçam com práticas, reações e preconceitos que são integrados ao cotidiano da população.

Da perspectiva metodológica, o mapeamento das experiências cotidianas em intervenções envolve a combinação de Pesquisa Arquivística e Etnografia, isto é, abordar os arquivos não apenas como fonte inerte de informações, mas como um elemento envolvido em relações de poder e desejos. Todavia, é preciso ter cuidado para não ser envolvido pelas narrativas dominantes durante as entrevistas - o cotidiano, o efêmero, é essencial!

Anderson, Rune; Vuori, Juha; Guillaume, Xavier. Chromatology of Security: Introducing Colours to Visual Security Studies. Security Dialogue v. 46, n. 5, pp. 440-457, 2015.

Jerrem, Ari; Lemay-Hebert, Nicolas. Red-Zoning: Spatial Logics, The Prototype and Cartographies of Insecurity. Security Dialogue, v. 55, n. 3, pp. 311-327, 2024.

Orner, Sherry B. Resistance and the Problem of Ethnographic Refusal. Comparative Studies in Society and History, v. 37, n. 1, pp. 173-193, 1995.



do GSUM: a oficina Publications Strategies in IR. Para esta atividade, o Prof. Nicolas refletiu sobre suas experiências como editor do *Journal of Intervention and Statebuilding*, e da série de livros da Routledge na linha *Studies in Intervention and Statebuilding*.

O público, em sua maioria formado por estudantes da pós-graduação e pesquisadores em início de carreira, pôde se familiarizar com o processo de submissão de artigos às revistas científicas da área das Humanidades, principalmente dos Estudos de Paz e Conflito, e quais aspectos levar em conta na escolha da publicação. O professor Nicolas compartilhou suas histórias pessoais com revisões, correções e rejeições e os principais elementos destacados pelos editores na leitura dos textos submetidos.

Studies in Intervention and Peacebuilding: publication strategies in IR¹⁰

30 de setembro e 01 de outubro, Instituto de Relações Internacionais, PUC-Rio



O professor Nicolas Lemay-Hébert ofereceu uma segunda atividade no âmbito dos 10 anos

Boas práticas da publicação

As chamadas “publicações predatórias” devem ser evitadas a todo custo. Como enfatizado pelo professor Nicolas Lemay-Hébert, tais revistas procuram por jovens pesquisadores com o objetivo de lucrar sobre a pesquisa científica. Fique atenta!

Durante o processo da escrita, é preciso levar em conta as particularidades de cada revista científica. Para isso, reserve algum tempo para explorar seus sites oficiais e ler artigos com temas semelhantes ao seu. Lembre-se, além disso, de verificar onde foram publicados os artigos mobilizados em sua própria pesquisa.

O argumento do artigo deve estar claro, bem como seu referencial teórico e suas estratégias metodológicas. Não tenha receio de compartilhar rascunhos com seus professores e colegas e ouvir suas correções, a pesquisa científica é um esforço coletivo.

Confira, ainda, o site *The Conversation*, uma plataforma que combina análises de acadêmicos e jornalistas e é acessível ao grande público. É uma excelente oportunidade para jovens pesquisadores ampliarem a visibilidade de suas pesquisas.

10. Realizado em parceria com o Laboratório de Metodologia do IRI/PUC-Rio.

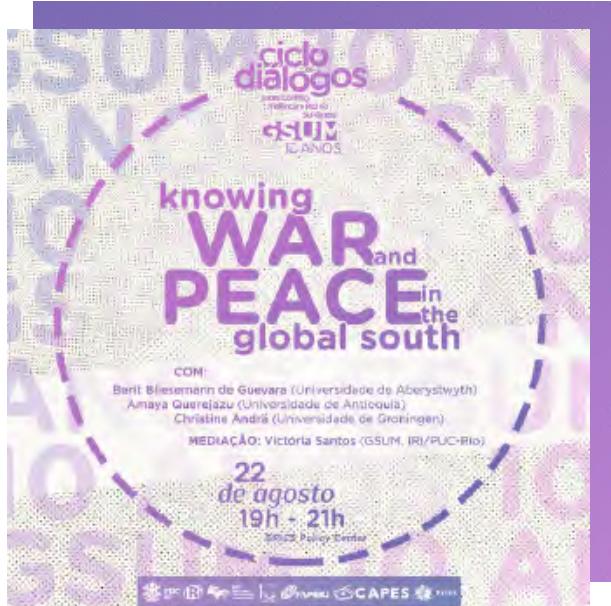
ciclo de diálogos

AGO - NOV 2024

sobre Conflito,
Violência e Paz no
Sul Global

Knowing war and peace in the Global South

22 de agosto, BRICS Policy Center, PUC-Rio



O primeiro diálogo contou com as convidadas Amaya Querejazu, Berit Bliesemann de Guevara e Christine André, com mediação da professora Victoria Santos. O encontro, *Knowing war and peace in the Global South*, teve como proposta a apresentação das pesquisas desenvolvidas pelas pesquisadoras, as possibilidades de se pensar criticamente sobre paz e violência no Sul Global e os desafios encontrados até então.

A professora Berit iniciou a conversa tratando das transformações ocorridas nas práticas de *peacemaking* nas últimas décadas. Diante das contradições, dos limites e das críticas ao modelo liberal de intervencionismo que ganhou destaque no pós-Guerra Fria, que outros conceitos, práticas e políticas podem ser pensados e propostos na resolução de conflitos e na recuperação de comunidades afetadas pela violência? Com essa pergunta em mente, a professora Berit destacou os esforços de mapear os profissionais, as instituições e os modos de conhecimento que costumeiramente definem o campo de Relações Internacionais e o que seria apropriado pensar e fazer – e como desafiar as normas a partir de perspectivas alternativas e de novas relações entre acadêmicos e entre a academia e a sociedade.

Novos olhares sobre a disciplina ensejam transformações no que é entendido por *expertise*, quem tem a autoridade sobre o conhecimento e sob quais critérios o conhecimento qualificado diferencia-se do senso comum ou da desinformação. Dando continuidade a essa questão, a professora Amaya levantou as questões: quem tem o direito de teorizar as relações internacionais? Quem dita o que é

teoria? Em seguida, ela destacou o potencial dos pesquisadores brasileiros no campo dos Estudos de Paz e Conflito e as iniciativas locais, como o GSUM, que desafiam os conceitos estabelecidos na disciplina por meio das experiências no Rio de Janeiro e, em sentido amplo, na América Latina.

A professora Amaya discutiu sobre o papel de liderança do Brasil no Sul Global e o potencial das alternativas para desafiar o pessimismo e propor outras formas de estar em paz consigo mesmo e com a comunidade. Os pesquisadores precisam se lembrar do *lócus de enunciação*, isto é, do local socialmente construído de onde os sujeitos podem rearticular e renegociar os regimes discursivos com base em suas experiências – marcadas, entre outros fatores, por múltiplas violências. Assim, o desafio à disciplina não deve se limitar ao campo epistemológico, ele deve incluir novas ontologias, novas conceitualizações de ser e estar nos mundos em que vivemos e que ansiamos.

A professora Christine abordou alguns dos desafios atuais para o subcampo, especialmente nas universidades europeias. Perante conflitos como a Guerra da Ucrânia e a crise migratória, as agências de fomento não parecem interessadas em financiar projetos voltados para a paz. Em tempos como este, é pertinente analisar como a disciplina estruturou a si mesma e a definiu seu objeto de estudo – uma história do

conhecimento, das práticas do saber. Com esse estudo, pode-se compreender qual o lugar reservado ao pesquisador de relações internacionais, sobretudo de paz e conflitos, e onde se pode encontrar novas interpretações e novas práticas do saber que não se conformam às restrições institucionais.

Na parte final, discutiu-se os interesses de pesquisa dos discentes presentes e os desafios à conciliação do pensamento crítico com as demandas do mercado de trabalho. As pesquisadoras convidadas refletiram sobre suas experiências com a exposição *Creating safe space* e com o projeto *(Des)tejiendo miradas*, sobre as novas modalidades de *peacebuilding* e compartilharam os desafios encontrados em suas próprias universidades e como eles se ligam e respondem aos obstáculos dos pós-graduandos na academia brasileira.

Masculinidades, Empatia e Não-Violência: Debates Conceituais e Políticos a Partir das Teorias Feministas¹¹

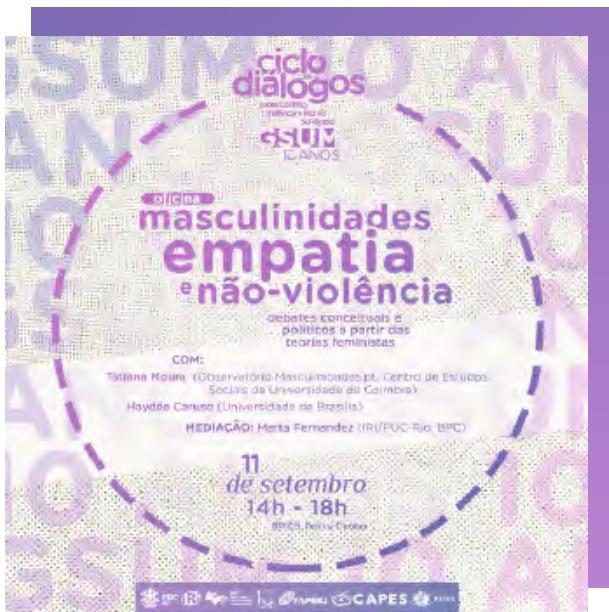
11 de setembro, BRICS Policy Center, PUC-Rio

O segundo encontro promovido pelo GSUM foi mediado pela professora Marta Fernández, e recebeu as professoras Tatiana Moura e Haydée Caruso, que apresentaram os impactos da socialização masculina na perpetuação da violência física e simbólica. Além disso, elas convidaram o público a pensar como a masculinidade se entrelaça com outros



10. Realizado em parceria com o Laboratório de Metodologia do IRI/PUC-Rio.
11. Realizado em parceria com o Laboratório de Metodologia do IRI/PUC-Rio.

marcadores sociais como raça, classe e sexualidade, na formação de comportamentos e de relações consigo mesmo e com a comunidade.



A partir das teorias feministas, as convidadas trataram do potencial da empatia na transformação das dinâmicas geradas pela masculinidade violenta e quais os caminhos para as políticas públicas na promoção da igualdade de gênero e de masculinidades mais inclusivas, cuidadosas e não-violentas. As professoras Tatiana e Haydée abordaram os desafios impostos aos homens pela masculinidade violenta, incluindo a pressão social, a ausência de modelos, os estigmas associados à vulnerabilidade e as barreiras culturais e institucionais.



Questionar as representações midiáticas do masculino como sinônimo de força e violência envolve ação política desde a construção das identidades na infância e ênfase na empatia para reverter comportamentos autodestrutivos na adolescência e na fase adulta e que isolam homens e meninos e reforçam ciclos de violência. Dessa maneira, conhecemos o [Projeto X-Men](#)¹², que exemplifica o cultivo de masculinidades alternativas por meio de mudanças institucionais e de intervenções artísticas - e que levam os próprios participantes a questionarem os papéis de gênero socialmente impostos.

Por uma outra masculinidade

O [Observatório Masculinidades.pt](#) reúne pesquisas em torno da masculinidade e do potencial transformador oferecido por ações concretas no contexto português. O objetivo é combinar contribuições feministas com políticas públicas que visam construir formas não-violentas e mais inclusivas de masculinidades.

O projeto [X-Men](#) é voltado para a prevenção de casos de violência de gênero e para a crítica de masculinidades violentas. É uma rede colaborativa que congrega participantes em Portugal, Espanha e na Croácia. O projeto se concentra em reformatórios, campos de refugiados e em famílias hospedeiras e envolve abordagens participativas por meio de linguagens artísticas.

Moura, Tatiana. La importancia de los estudios sobre masculinidades en las teorías feministas. Revista Nuevas Tendencias en Antropología, n. 15, pp. 124-139. 2024.

Moura, Tatiana; Caruso, Haydée; Mascarenhas, Marta. Desconstruindo masculinidades através dos X-Men: os jovens em centros educativos em Portugal. O Público, 01 maio de 2024.

Hierarquias pós-coloniais nos estudos de conflito e violência: um olhar a partir de “sistemas de conflitividade”

18 de outubro, Instituto de Relações Internacionais, PUC-Rio

O terceiro diálogo promovido pelo GSUM foi liderado pelas professoras Andréa Gill e Viviana García-Pinzón e mediado pela professora Maíra Siman. As pesquisadoras dialogaram sobre os *sistemas de conflitividade* e sobre as contribuições pós-coloniais e decoloniais para os Estudos de Paz e Conflito.

12. Voltado para homens e meninos em situação de vulnerabilidade e excluídos do pleno convívio social em Portugal, na Espanha e na Croácia.



A professora Viviana apresentou a rede de pesquisa *Postcolonial Hierarchies in Peace and Conflict* e alguns dos silêncios epistemológicos da disciplina que motivaram a formação do projeto. Nesse sentido, a rede tem dado atenção para as raízes coloniais de conflitos contemporâneos e para alguns dos pressupostos envolvidos nos processos de paz que, em muitos casos, reforçam hierarquias coloniais e não respondem adequadamente à violência¹³.



Uma contribuição central para o diálogo foi a iniciativa *Rewriting Peace and Conflict: A Virtual Encyclopaedia*, um compêndio de reflexões teóricas e empíricas nos Estudos de Paz e Conflito que partem de linhagens críticas, sobretudo pós-coloniais. A professora Viviana enfatizou a recusa do projeto em fornecer quaisquer definições atemporais ou

universalistas, destacando o caráter plural e contextualmente sensível da iniciativa.

A professora Andréa Gill comentou sobre sua contribuição à *Virtual Encyclopaedia*: uma entrada sobre os *sistemas de conflitividade*. Este conceito questiona a divisão radical entre normalidade e exceção na política, consagrada em clássicos da teoria política ocidental, em favor de um estudo e uma prática direcionada à transformação de conflitos desde suas raízes mais profundas. Logo, é uma crítica às concepções estadocêntricas de paz e que repetem determinadas leituras de Max Weber e do monopólio legítimo da violência pertencente ao Estado moderno.

A perspectiva relacional da violência permite problematizar e modificar cenários de paz construídos sobre o sofrimento e o extermínio de grupos marginalizados – uma característica distinta da vida política moderna, sobretudo na América Latina.

Desafiando a colonialidade do saber nos Estudos de Paz e Conflito

A *Encyclopédia Virtual* é uma iniciativa da rede de pesquisa *Postcolonial Hierarchies in Peace and Conflict*. É um compêndio de contribuições teóricas e análises no campo dos Estudos de Paz e Conflito com base no pensamento pós-colonial e decolonial. A Encyclopédia é uma atividade em andamento e em constante expansão.

Confira outros verbetes abaixo:

Collaborative Research: Perspectives on North-South Collaborative Conflict Research, por Godefroid Muzalid Kihangu e Koen Vlassenroot.
Futures-Thinking, por Gelila Enbaya.
Pluriversal peacebuilding, por Garrett Fitzgerald.

13. Dentre alguns dos esforços mobilizados para pluralizar

o estudo e a prática dos processos de paz e transformação de conflitos, a Profa. Viviana citou o projeto (Des)tejiendo miradas, que foi trazido à PUC-Rio pelo GSUM em agosto, também como parte das comemorações aos 10 anos da Unidade.

Circulação e Controle de Armas na América Latina

05 de dezembro, Laboratório de Humanidades Digitais, PUC-Rio



Encerrando o Ciclo de Diálogos, o último encontro em comemoração aos 10 anos do GSUM contou com a presença das professoras Mônica Herz, Luísa Lobato e Victória Santos. No encontro, as professoras apresentaram o projeto *Mapping the Transnational Circulation and Control of Small Arms in Latin America*¹⁴. A importância do projeto para os Estudos de Paz e Conflito é substancial, dado o importante papel das armas leves nos padrões de violência política e criminal observados, principalmente, na América Latina. A professora Mônica destacou que os fuzis constituem um estudo de caso para examinar a emergência de dinâmicas violentas e identificar pontos de entrada eficazes para respostas e iniciativas de cooperação internacional.

A professora Luísa destacou a dimensão cultural do projeto e explicou sua pesquisa

14. Coordenado pelo Prof. Keith Krause (Geneva Graduate Institute) e conduzido com apoio do Swiss Network for International Studies, o projeto se situa na interseção dos estudos de Segurança Internacional e de Normas, Regras e Instituições Internacionais e

nas redes sociais, como o X (antigo Twitter) e, mais tarde, no Instagram e no Telegram¹⁵. O objetivo era entender como as redes funcionam na ostentação das armas e do *status* de poder associado e na articulação de disputas entre grupos armados, em especial do narcotráfico.

A professora Victoria trouxe, para o debate, a problemática dos agentes considerados legítimos para portarem e utilizarem as armas e como a circulação destas está inserida em uma rede mais ampla que combina elementos materiais com simbólicos. Ou seja, como a circulação de armas está atrelada aos entendimentos da relação entre fuzis e violência, por exemplo, entre normas difundidas nacionalmente e nos planos regional e internacional. O caso da circulação de armas “ghost AR-15” foi discutido pela pesquisadora Victoria Campbell (PUC-Rio), que evidenciou como o caráter modular de tais armas desafia um aspecto central das normas internacionais e nacionais voltadas para o seu controle: a rastreabilidade.

Investigando a dimensão sociocultural dos fluxos de armas

A pesquisa sobre as dimensões socioculturais das armas utilizou uma abordagem qualitativa para análise de imagens de fuzis circulando em redes sociais no Brasil e no México. Foram usados os aplicativos Telegram e Instagram, cuja seleção foi guiada pela acessibilidade via APIs e pela presença de conteúdo relevante. No Telegram, os pesquisadores recorreram a grupos públicos para a coleta de dados e a seleção dos grupos seguiu um ‘snowballing’ a partir de recomendações de grupos similares. Já no Instagram, os dados foram coletados por meio do CrowdTangle, antes de sua descontinuação pela Meta. Foram utilizadas palavras e hashtags-chave, levantadas a partir de uma pesquisa exploratória na rede. Os termos de busca permitiram a seleção de conteúdo e perfis públicos de interesse. Os pesquisadores então extraíram os dados e codificaram as imagens coletadas, avaliando elementos visuais, como tipos de armas, associação com crime organizado e representações de gênero. Foram excluídas as imagens excessivamente violentas (proibidas no Instagram, mas comuns no Telegram).

A metodologia utilizada prioriza uma abordagem qualitativa da mídia digital para explorar as dimensões sensoriais e estéticas da cultura das armas, indo além de métricas quantitativas como curtidas ou compartilhamentos. Ao tratar as redes sociais como uma porta de entrada para entender como a segurança é vivenciada visual e emocionalmente, o estudo revela como fuzis são discursivamente apresentados no ambiente digital. Essa abordagem destaca a interação entre políticas das plataformas, recomendações algorítmicas e conteúdo gerado por usuários, oferecendo insights sobre a política sensorial

articula questionamentos às definições tradicionais de violência nacional/internacional em Relações Internacionais.

15. Realizada em parceria com o doutorando Pedro Maia (Geneva Graduate Institute) e com o mestrandão Miguel Herman (PUC-Rio).

da segurança internacional. Em vez de se concentrar apenas em técnicas de OSINT ou análise estatística, a pesquisa ressalta o valor de interpretar a mídia digital como um reflexo de dinâmicas mais amplas de segurança e narrativas culturais.

Saiba mais:

*Biccum, April R. 2024. "Interpretivist Methods in the Digital Age: Methodologies and Epistemologies." In *Oxford Handbook of Engaged Methodological Pluralism in Political Science*, edited by Janet M. Box-Steffensmeier, Dino P. Christensen, and Valeria Sinclair-Chapman. Oxford University Press.*



BRICS
Policy Center
Centro de Estudos
e Pesquisas BRICS

